

Onde ensinar é um risco

A professora de História E.A.S., 34 anos, confessa ter medo de lecionar no Centro de Ensino 312, de Samambaia. Este sentimento, ela diz, é compartilhado por todos os outros 15 professores do curso supletivo. Na escola, ninguém fala tranquilamente sobre a violência que reina ali. Todos temem ameaças dos marginais. A professora está na escola desde sua inauguração. Confessa, no entanto, que prefere pegar carona com um colega a ir de carro para o centro de ensino.

Residente na Asa Sul, casada e mãe de dois filhos, ela dá aula à tarde no Núcleo Bandeirante e seria mais fácil ir direto para Samambaia. Contudo, ela conta que prefere retornar ao Plano Piloto e ir para a escola de carona. "Não me arrisco a sair daqui sozinha, mesmo de carro. Se ele quebrar na saída, estou perdida. Os pro-

fessores sempre saem em grupo para ter segurança. Após as 22h30, eu jamais ficaria aqui sozinha", diz ela sem constrangimentos. A professora lembra ainda serem comuns os casos de marginais que ficam perambulando pela instalações da escola.

E.A.S. revela que muitos alunos vão às aulas de boné, peça que não tiram em qualquer hipótese. "Sabemos que sob os bonés eles trazem canivetes, estiletos e outras armas, além de drogas", diz. Ela conta ainda que atualmente as professoras não podem mais lecionar nas salas do pavilhão 3. "A todo instante os marginais fazem gestos obscenos, dão cantadas e dizem palavras de baixo calão", completa. Os marginais não perdoam nem mesmo os carros dos professores estacionados no pátio da escola, que vez ou outra têm os toca-fitas roubados.